



Milena Borges de Moraes¹

Nasceria uma linguagem madruguenta, adâmica, edênica, inaugural - Que os poetas aprenderiam - desde que voltassem às crianças que foram às rãs que foram às pedras que foram. Para voltar à infância, os poetas precisariam também de reaprender a errar a língua. Mas esse é um convite à ignorância? A enfiar o idioma nos mosquitos? Seria uma demência peregrina.

(Manoel de Barros em Retrato Quase Apagado em que se Pode Ver Perfeitamente Nada)

Resumo: O presente artigo teve como objetivo principal, a partir dos pressupostos-metodológicos da Análise de Discurso de orientação francesa, tecer uma leitura discursiva de dois exercícios de sintaxe retirados do livro didático “Português: língua, literatura, produção de texto”, destinado a alunos do Ensino Médio. Diante do estudo realizado, observamos que embora o livro didático esteja sendo avaliado por especialistas, antes de chegar para os professores escolherem nas escolas, há ainda um conceito de ensino de língua arraigado na estrutura e reconhecimento de nomenclaturas gramaticais por parte desses especialistas, e não pelo funcionamento da linguagem.

Palavras-chave: livro didático; sintaxe; língua; discurso

Abstract: This paper has as main objective, from the methodological guidance Discourse Analysis French weave a discursive reading two syntax exercises taken from the textbook “Portuguese: language, literature, text production”, to high school students. Before the study, we observed that although the textbook is evaluated by specialists before you get to choose the teachers in schools, there is still a concept of language education rooted in the structure and recognition of grammatical classifications by these experts, not the functioning of language.

Keywords: textbook, syntax, language, speech.

1. Docente mestre da UNEMAT, do Campus de Tangará da Serra.

A relevância da prática de análise linguística para o ensino de Língua Portuguesa vem sendo discutida por pesquisadores e educadores há décadas, porém com mais ênfase a partir da promulgação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, doravante PCN.

Os PCN, por sua vez, apontam a seguinte orientação:

Tomando-se a linguagem como atividade discursiva, o texto como unidade de ensino e a noção de gramática como relativa ao conhecimento que o falante tem de sua linguagem, as atividades curriculares em Língua Portuguesa correspondem, principalmente, a atividades discursivas: uma prática constante de escuta de textos orais e leitura de textos escritos e de produção de textos orais e escritos, que devem permitir, por meio da análise e reflexão sobre os múltiplos aspectos envolvidos, a expansão e construção de instrumentos que permitam ao aluno, progressivamente, ampliar sua competência discursiva (BRASIL, 1998, p.27).

Ocorre, no entanto, que o ensino de gramática normativa nos compêndios escolares ainda é fortemente marcado por estudos prescritivos a partir de uma visão de língua estereotipada e artificialmente simples. Diante dessa conjuntura, entendemos que uma análise discursiva pode evidenciar que a Análise do Discurso tem muito a contribuir com o ensino de análise linguística/gramática. Nesse estudo trataremos discursivamente da questão da sintaxe.

Para isso, mobilizamos os pressupostos-metodológicos da Análise de Discurso de orientação francesa. Elegemos como *corpus* empírico para esse estudo dois exercícios de sintaxe retirados do livro didático denominado “Português: língua, literatura, produção de texto”, destinado a alunos do Ensino Médio.

É mister dizer que nosso objetivo com o presente estudo não é simplesmente criticar aleatoriamente os exercícios selecionados e ignorar a necessidade do conhecimento da forma linguística. Na verdade, apenas propomos uma reflexão discursiva em torno de exercícios de sintaxe que fazem parte de livro didático “recomendado” pelo Programa Nacional do Livro para o Ensino Médio – PNLEM.

Inicialmente, antes de nos determos na análise discursiva do nosso *corpus* selecionado, é preciso discutir algumas questões em torno de livro didático e abordar o conceito de língua subjacente a este trabalho.

Livro didático: breve reflexão

O livro didático surgiu na Grécia Antiga - Platão aconselhava o uso de livros de leitura que apresentassem uma seleção do que havia de melhor na cultura grega; a partir daí, o livro didático persistiu ao longo dos séculos, presente em todas as sociedades e em todas as situações formais de ensino. Por exemplo: “Os Elementos de Geometria”, de Euclides, escrito em 300 a.C., circulou desde então e por mais de vinte séculos como manual escolar; outros exemplos são os livros religiosos, abecedários, gramáticas, livros de leitura que povoaram as escolas há muitos séculos. Assim, ao longo da história, o livro didático tornou-se elemento constitutivo do processo educacional brasileiro.

Dito isso, é preciso observar que desde 1995, o Ministério da Educação - MEC vem desenvolvendo ações que visam à melhoria da qualidade do livro didático. No que se refere aos livros didáticos do Ensino Médio das escolas públicas, estes são subordinados ao Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE e o Programa Nacional do Livro para o Ensino Médio – PNLEM - instâncias legitimadas, no Brasil, para proporem Editais e avaliarem as propostas de livro didático inscritas naqueles. As propostas que se enquadram nas exigências técnicas e físicas do edital são denominadas como “Títulos Recomendados” e publicadas no Diário Oficial da União. Além disso, há elaboração de resenhas desses títulos, as quais são encaminhadas às escolas para os professores, observando o que melhor contribuirá para que os objetivos do projeto político-pedagógico da escola sejam alcançados, escolham o livro didático.

Língua do ponto de vista discursivo

Desde o surgimento da Análise de Discurso francesa, na década de 60, a ilusão de que a linguagem seja transparente é colocada em questão, surgindo assim um dispositivo teórico para interpretação, o qual expõe o “olhar-leitor” não na transparência do texto, mas na opacidade.

Nessa direção, sob a ótica da Análise de Discurso (A.D) é notório ressaltar que essa não busca uma verdade nuclear do signo, pois é contra a imanência estruturalista. Busca verificar as condições que permitiram o aparecimento do discurso em certo momento histórico e explicar por que tomou esse sentido e não outro, relacionando o lingüístico com a história e com o ideológico. Além disso, a Análise do Discurso não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentido enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos, seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade (ORLANDI, 2005, p. 15-16).

Nessa direção, a AD prioriza outros elementos que vão além do ato comunicativo, isto é, a língua não transmite apenas informações, anuncia algo, mas leva em consideração o contexto social, histórico e ideológico em que um determinado enunciado foi produzido. O discurso transpassa uma exterioridade da linguagem e abarca elementos ideológicos e sociais.

Análise

Iniciamos nosso percurso analítico, apresentando o primeiro exercício de sintaxe que selecionamos como *corpus* empírico desse estudo.

35 Leia com atenção a tira a seguir.



BROWNE, Dik. Hagar.

FONTE- ABAURRE, M. L., 2004, p. 262

O exercício em questão ao propor: “indique a função sintática dos termos extraídos da tira, justificando sua resposta” possibilita transpor um olhar gramatical/normativo aos termos “das necessidades” “de meus entes queridos” e “aos seus barcos”. Nessa perspectiva, os referidos termos são classificados, respectivamente, como objeto indireto, complemento nominal e objeto indireto e a explicação para tais funções sintáticas são baseadas nas seguintes afirmações: objeto indireto porque é “o termo da oração que integra o sentido dos verbos transitivos indiretos. Tais objetos vinculam-se indiretamente aos verbos, através da mediação de uma preposição” (ABAURRE, M. L., 2004, p. 256); complemento nominal – como aquele que complementa o sentido de um nome.

Destarte, o referido exercício é baseado essencialmente na metalinguagem, o texto é utilizado como pretexto para isolar enunciados que legitimem classificações, ou seja, observa-se procedimentos sintáticos para convencer de que sabe gramática.

Vale ressaltar que na proposta do livro didático em questão, encontramos seções exclusivas para tratar de cada um dos seguintes temas: “A arte como representação do mundo”, “Da análise da forma à construção do sentido”, “Prática de leitura e produção de texto”. O conteúdo sintático desse exercício faz parte do tema “Da análise da forma à construção do sentido”. Porém essa “construção do sentido” não é possibilitada, pois desconsidera-se que há sentido em tais termos a partir do momento em que a ênfase é atribuída em conhecer/reconhecer o sistema lingüístico.

Diante dessa conjuntura, faz-se necessário explicitar que a concepção de língua subjacente nessa proposta vai ao encontro do que Saussure (2000, p. 22) pondera: “A língua não constitui, pois uma função do falante: é o produto que o indivíduo registra passivamente; não supõe jamais premeditação, e a reflexão nela intervém somente para a atividade de classificação”.

No entanto, ao refletirmos o funcionamento discursivo desses termos, podemos observar que no discurso eles não “complementam” apenas o sentido do verbo ou nome, como propõem as gramáticas tradicionais, ou seja, deixam de estar submetidos a uma

ordem lógica da língua e passam a ser condicionados de acordo com o contexto da enunciação, dos objetivos dos sujeitos falantes e, estes, são influenciados pela sua história, pela ideologia e pelas condições de produção. Nesse sentido, podemos observar que há em cena duas interpretações distintas, e o humor da tira está justamente em indicar que existem essas duas interpretações.

No que diz respeito à sala de aula, essa tira é importante, pois ela emite visibilidade à possibilidade de que diversos sentidos para um mesmo texto sejam feitos. Além disso, mostra, também, que a diversidade de interpretações encontra sua materialidade na língua: aqui, no caso, o uso inusitado do termo “aos seus barcos”, contradizendo um efeito de sentido encadeado, normalmente, ao dizer de “de entes queridos”, ou seja, “pessoas” e não “bens materiais”.

Continuando o percurso analítico, tomaremos agora o segundo exercício selecionado:

36 Leia com atenção a tira a seguir.



SCHULZ. Peanuts.

- Qual é a função sintática da expressão por macacos, na tira? Justifique sua resposta.
- Avisado por Lucy que um homem criado na selva por macacos já havia sido criado como personagem por alguém, Linus resolve adaptar o texto de sua história. Para fazê-lo, produz a substituição de um elemento sintático. Qual é a substituição feita?
- Como explicar o comentário de Lucy no último quadrinho?

(ABAURRE, M. L., 2004, p. 262)

Podemos perceber que o exercício em questão também é proposto a partir do gênero “tira de humor”. Tem como personagens Lucy e Linus, os quais são de autoria de Peanuts Schulz. Nessa tira, há uma crítica em cima da falta de criatividade da personagem Linus, demonstrando confronto de dois personagens que exprimem posições discursivas e ideológicas distintas e isso é explorado por meio de variados recursos da linguagem verbal e não-verbal.

Por outro lado, ainda que seja possível atrelar análise linguística e análise discursiva, a proposta da letra B, nesse exercício, é a seguinte “Avisado por Lucy que *um homem criado na selva por macacos* já havia sido criado como personagem por alguém, Linus resolve adaptar o texto de sua história. Para fazê-lo, produz a substituição de um elemento sintático. Qual é a substituição feita?”. Isso leva o aluno apenas a identificação mecânica do termo substituído, ou seja, desconsidera-se toda ordem histórica, ideológica do enunciado que possibilitou efeitos de sentidos diferentes entre as personagens.

Dito isso, é preciso observar que a Análise do Discurso parte do pressuposto de que

um texto é um lugar de materialização/manifestação do discurso, uma versão/recorte da história. A Análise do Discurso primeiro pensa nas condições histórica, ideológica, social que possibilitam a produção de um determinado texto, conforme observa Pêcheux, utilizando-se de um provérbio chinês:

Quando lhe mostramos a lua, o imbecil olha o dedo. Com efeito, por que não? Por que a Análise do Discurso não dirigiria seu olhar sobre os gestos de designação antes que sobre os designata, sobre os procedimentos de montagem e as construções antes que sobre as significações? (PÊCHEUX 1999, p 54-5).

Nessa perspectiva, as escolhas lingüísticas dos termos pelas personagens da tira, não são individuais, conscientes, apesar de os sujeitos terem a ilusão de que podem controlar o sentido, são escolhas condicionadas por uma dada posição discursiva e isso poderia ser explorado mostrando o funcionamento da língua.

As questões acima ganham endosso na fala de *Paulo Leminski* por meio do poema:

○ ASSASSINO ERA ○ ESCRIBA

Meu professor de análise sintática era o tipo do sujeito inexistente.

Um pleonasma, o principal predicado da sua vida,

regular como um paradigma da 1ª conjugação.

Entre uma oração subordinada e um adjunto adverbial,

ele não tinha dúvidas: sempre achava um jeito

assindético de nos torturar com um aposto.

Casou com uma regência.

Foi infeliz.

Era possessivo como um pronome.

E ela era bitransitiva.

Tentou ir para os E.U.A

Não deu.

Acharam um artigo indefinido em sua bagagem.

A interjeição do bigode declinava partículas expletivas,

conectivos e agentes da passiva, o tempo todo.

Um dia matei-o com um objeto direto na cabeça.

(Paulo Leminski. *Caprichos e relaxos*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 144)

À respeito desse poema e dentro dessa conjectura, Baronas (2006, p. 20) pondera que

○ O metalingüístico poema é uma representação metonímia das aulas de algumas escolas. Não dar vez à alienação – fazer cada explicação ter sentido aplicado ao mundo – torna rico o ensino. Talvez assim, muitos alunos deixem de querer enganar o professor com o primeiro objeto direto que tiverem à mão.

À guisa de conclusão

Nesse trabalho não buscamos nenhuma verdade a respeito do ensino de sintaxe e sim provocar/problematizar um olhar nos exercícios de sintaxe, bem como trilhar um caminho que vai da língua ao discurso, o qual pode possibilitar que o aluno/cidadão amplie sua competência discursiva de modo a serem mais críticos e, conseqüentemente, mais interessados à apreensão dos conteúdos.

Diante do estudo realizado, observamos que embora o livro didático esteja sendo avaliado por especialistas, antes de chegar para os professores escolherem nas escolas, há ainda um conceito de ensino de língua arraigado na estrutura e reconhecimento de nomenclaturas gramaticais por parte desses especialistas, e não pelo funcionamento da linguagem.

Por fim, as duas tiras utilizadas apenas para legitimarem e localizar classificações poderiam ser utilizadas numa abordagem discursiva para aprender sintaxe por meio da análise linguística e produção de sentido que cada "termo" analisado possibilita no enunciado, além de servir como incentivo à leitura, pois utilizam o humor e por isso prendem a atenção. Atenção que pode ser focalizada pelo professor dos alunos por meio de uma análise do texto, focalizando a materialidade da língua, e ainda a determinação histórica dos seus processos de significação.

Referências

- ABAUURRE, M. L.; PONTARA, M. N.; FADEL, T. **Português: língua, literatura, produção de texto**. Volume único, 2. ed. São Paulo: Moderna, 2004.
- BARONAS, 2006. O desemprego da análise sintática. **Revista Língua Portuguesa**.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 37ª edição, 2006.
- ORLANDI, E. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 4. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.
- POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996.
- PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. (Tradução de Eni Orlandi). 3. ed. Campinas: Pontes, 2002.
- _____. O papel da memória. In: ACHARD, P. **O papel da memória**. (Tradução de José Horta Nunes). Campinas, SP: Pontes, 1999.
- _____. Análise do discurso: três épocas (1983). In: GADET, F & HART, T. (org.). **Por uma análise automática do discurso**. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Ed. Da Unicamp, 1990.
- _____. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. (1975). (Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi et al.) 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.



A ACROSSEMIA EM LÍNGUA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA E O ENSINO DE MORFOLOGIA LEXICAL

Pedro Antonio Gomes de Melo^{1*}

Resumo: A incompreensão do fenômeno lexical da Acrossemia resulta na inadequação terminológica e de conceitos relacionados às formações acrossêmicas, causando dificuldades à compreensão do léxico português, interferindo, dessa forma, no processo de ensino-aprendizagem nas aulas de morfologia lexical de língua portuguesa variante brasileira. Afirmar que as siglas, os siglônimos e os acrônimos - resultantes do processo da Acrossemia - estão presentes no léxico escrito e/ou falado da Língua Portuguesa é repetirmos o óbvio. Todavia, esta evidência é intuitiva, pois pouco se conhece cientificamente sobre essas unidades léxicas, sobre sua estrutura e seu funcionamento no acervo lexical do sistema linguístico português.

Palavras-chave: Língua Portuguesa; Acrossemia; Morfologia lexical; Lexicologia.

Abstract: The misunderstanding of the phenomenon of lexical acronym results in inadequate terminology and concepts related to training acronym, causing difficulties to understand the Portuguese lexicon, interfering thus in the process of teaching and learning in classes of lexical morphology in Brazilian Portuguese variant. Claiming that the abbreviations, acronyms and the siglônimos - that the process of acronyms - are present in the lexicon written and / or Portuguese is spoken of repeating the obvious. However, this evidence is intuitive, since little is known scientifically about these lexical units, on its structure and its operation in the collection of lexical Portuguese linguistic system.

Keywords: Portuguese language. Acronym. Lexical morphology. Lexicology.

Apresentação

No presente artigo objetivamos refletir a respeito da incompreensão do fenômeno linguístico da Acrossemia, apresentando uma proposta inovadora para descrição e sistematização das formações acrossêmicas. Como também analisarmos, no processo de ensino/aprendizagem, mais especificamente sobre o estudo do léxico, a inadequação conceitual do referido fenômeno nas aulas de morfologia portuguesa em sua variante brasileira.

Esse mecanismo linguístico de fecunda produtividade lexical na língua portuguesa

1. Graduado em Letras: Português/Inglês pelo Centro de Estudos Superiores de Maceió – CESMAC, especialista em Língua Portuguesa e mestre em Letras pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL. Atualmente é professor assistente de língua portuguesa e linguística da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL e da Faculdade São Vicente de Pão de Açúcar.

moderna é pouco abordado em aulas sobre os processos de formação de palavras nas escolas e universidades, excluindo reflexões lexicológicas e/ou lexicográficas, já que essas disciplinas mantêm necessariamente uma forte relação de interdependência e complementaridade entre si (cf. MATORÉ, 1972), na constituição lexical portuguesa.

Essa falta de observação empírica da língua resulta numa percepção equivocada das formações acrossêmicas, isto é, das siglas, dos siglônimos e dos acrônimos no acervo do léxico português. Favorecendo uma incompreensão da realidade linguística dos falantes/ouvintes do português variante brasileira interferindo, dessa forma, no processo de ensino e aprendizagem no que diz respeito à morfologia lexical do nosso vernáculo.

Torna-se relevante ressaltarmos que para uma maior democratização do conhecimento linguístico, a partir de uma educação sistemática que possibilite uma inclusão sociolinguística de estudantes sem, contudo, incorrer na concepção pedagógica dominante que se caracteriza por duas expressões paradoxais e contraditórias entre si, quais sejam: exclusão includente e inclusão excludente (cf. SAVIANI, 2007), faz-se mister aproximarmos o vernáculo usado pela comunidade às aulas de língua portuguesa dessa mesma sociedade, sem a preocupação exagerada de nomenclaturas, mas sim, com a preocupação de uma compreensão pormenorizada da realidade linguística dos falantes e essa compreensão propiciará uma adequação conceitual dos fenômenos estudados em quaisquer níveis de análise linguística.

Devemos levar em consideração que para estudarmos uma língua, necessitamos de uma terminologia específica, caso contrário, corremos o risco de utilizarmos vocábulos genéricos que favoreçam a inadequação conceitual, conseqüentemente, a não-compreensão do que se quer efetivamente descrever, estudar ou analisar.

É pertinente enfatizarmos, ainda, que não pretendemos advogar, neste trabalho, uma educação linguística baseada em listas de palavras desconexas, estudos de fenômenos da linguagem isolados, terminologias ou nomenclaturas gramaticais inapropriadas e exageradas como encontramos nas orientações gramaticais tradicional-normativas. Mas, uma educação linguística que possibilite uma inclusão sociolinguística do falante. Esse se reconhecendo como cidadão presente numa sociedade dinâmica e heterogênea como é a sua língua e não uma modalidade de língua estática e homogênea.

A compreensão de que a língua é viva, isto é, “que serve de instrumento diário de comunicação entre os indivíduos componente de uma nação” (SILVA, 2010, p. 15), que está em constante renovação e mudança, que seu acervo lexical faz parte de um sistema aberto, portanto, em constante ampliação, que fenômenos lexicais como Acrossemia está presente na vida diária quando se usa a língua, não pode nem deve ser excluída do conteúdo das aulas de português.

Melo (2010, p. 116), ao estudar a incidência das formações neológicas derivadas de unidades acrossêmicas na linguagem jornalística escrita no Estado de Alagoas, afirma que as siglas e acrônimos podem ser compreendidos:

Como um indício de que as formações acrossêmicas já se encontram no domínio linguístico popular, o fato de os acrônimos e as siglas derivarem palavras novas, revelando sua integração no acervo lexical do Português.

Por conseguinte, sendo reconhecidas na formação lexical como verdadeiras palavras.

Acreditamos que para os alunos poderem perceber e interpretar melhor o léxico, ser agente no processo de uso da língua, necessitam aulas desenvolvidas numa perspectiva que elejam questões linguísticas presentes no dia a dia para uma melhor apreensão de seu sistema linguístico em uso. Caso contrário, corremos o risco dos estudantes não perceberem sua própria realidade sócio-cultural-linguística.

Segundo Isquerdo & Krieger (2004, p. 11), “o léxico como repertório de palavras das línguas naturais traduz o pensamento das diferentes sociedades no decurso da história, razão por que estudar o léxico implica também resgatar a cultura.” E no que concerne as formas acrossêmicas é no nível do léxico que melhor observamos suas unidades e relações sócio-históricas entre as unidades designativas e seus referentes.

Finalizando essa introdução, destacamos que essa reflexão se apresenta como uma proposta inovadora de descrição e sistematização do fenômeno linguístico da Acrossemia. Mecanismo de formação lexical que está presente em textos diversos falados e/ou escritos, apresentando grande produtividade na Língua Portuguesa hodierna, e quase não abordado nos conteúdos referentes à morfologia nas aulas de Português como língua materna no ensino básico.

Esperamos poder contribuir de alguma forma à formação de professores de língua portuguesa no que diz respeito aos estudos lexicais nos ensinamentos básico, médio e superior de morfologia lexical.

O fenômeno da acrosssemia na formação lexical da língua portuguesa do Brasil

Por serem práticas e cômodas aos usuários do Português, as formações acrossêmicas estão se multiplicando cada vez mais na língua portuguesa contemporânea do Brasil e fazem parte quase que insubstituivelmente em textos escritos e/ou falados em quase todos os níveis de uso e modalidade da língua.

Quem nunca usou uma sigla ou hesitou no momento de usá-la? Quem nunca ficou em dúvida se formas lexicais como: *Senac*, *Sebrae*, *cedê*, *tevé*, *HU* e *PMDB* podem ser consideradas como palavras ou não? Como se pode determinar se as siglas são unidades ou sintagmas, dessa forma, objeto de estudo da morfologia ou da sintaxe?

Nas aulas de produção textual, como se deve proceder em relação aos alunos no uso dessas formações acrossêmicas? Quais critérios de uso de uma sigla? Ou se deve priorizar sua forma sintagmática nominal? E a criatividade dos falantes em combinações interessantíssimas? Como se deve agir?

Diante desses questionamentos, vale à pena lembrarmos que esse artigo tem a finalidade de refletir sobre a conceituação e a terminologia que é utilizada e divulgada em compêndios e manuais de português referente às citadas unidades léxicas, e ainda, sobre a equivocada compreensão das formas acrossêmicas presentes no léxico escrito e/ou falado da Língua Portuguesa que, não raramente, são erroneamente consideradas todas de uma mesma natureza e denominadas equivocadamente no rol das siglas, independente de suas

estruturas fonomorfológicas distintas.

Exemplificando, as formações acrossêmicas: *FHC* (designando Fernando Henrique Cardoso – Ex-presidente do Brasil), *Gebê* (designando Geraldo Bulhões – Ex-governador de Alagoas) e *Uneal* (Universidade Estadual de Alagoas) todas registradas na linguagem jornalística escrita em Alagoas, para um usuário comum da língua seriam reconhecidas e denominadas todas como siglas, sem que o mesmo percebesse que há uma distinção fonomorfológica nas referidas formas.

Essas especificidades linguísticas, também, deveriam ser apresentadas em aulas de português que, muitas vezes, passam despercebidas ou não são discutidas em função dos conteúdos programados não contemplarem a temática, ocasionando uma incompreensão do mecanismo linguístico em questão. Dessa maneira, fazendo com que o aluno e/ou professor não identifique o uso de unidades acrossêmicas distintas em sua realidade linguística. Essa problemática pode ser detectada, tanto no ensino básico e médio como no ensino superior.

Na verdade, têm-se respectivamente, uma sigla (*FHC*) – unidade exclusiva da modalidade escrita que não segue paradigma silábico em português –, um siglônimo (*gebê*) – uma realização e concretização de uma sigla na oralidade e que sempre seguirá um padrão silábico, ou seja, apresentará elemento vocálico em sua estrutura mórfica – e um acrônimo (*Uneal*) – forma acrossêmica imprevisível que segue a estruturação silábica do português em todas suas possibilidades no uso da língua.

Cabe destacarmos que, no critério morfo-fonológico, todo siglônimo, por exemplo, *cedê* (compact disc) pode ser considerado um acrônimo, como *Ufal* (Universidade Federal de Alagoas), uma vez que obrigatoriamente o siglônimo seguirá a estruturação silábica do português.

Entretanto, nem todo acrônimo poderá ser classificado como siglônimo, por exemplo, o acrônimo *Embratel* (Empresa Brasileira de Telefonia) apresenta uma estrutura silábica não possível de ser encontrada nos siglônimos, isto é, sílaba constituída por duas consoantes nas áreas periféricas da estrutura silábica (vc + ccv + cvc). Em outras palavras, os siglônimos sempre apresentarão sílabas abertas e não truncadas.

Por conseguinte, podemos dizer que os siglônimos são casos particulares de acrônimos, mas não se confundem com estes por apresentarem propriedades linguísticas próprias e serem de naturezas diferentes. Em outros termos, os siglônimos sempre apresentarão estrutura silábica incompleta e aberta, exceto quando se constituir pelo dífono [ks] representado pelo grafema x, já nos casos dos acrônimos apresentarão estruturas silábicas completas e/ou incompletas e abertas e/ou fechadas.

Vale salientarmos, ainda, que por se tratar de apenas um caso, com o grafema x, esse não deve ser considerado como regra, mas irregularidade dada a sua improdutividade lexical na língua portuguesa.

A Acrossemia constitui um tipo especial de formação de vocábulos e de fecundidade lexical relevante na Língua Portuguesa hodierna, na qual a unidade lexical nova pode ser formada a partir da “redução de uma expressão substantiva a seus elementos: letras ou sílabas iniciais” (JOTA, 1981, p. 21). Trata-se, portanto, de um mecanismo fonomorfológico de criação lexical que nem sempre os fonemas são encadeados nos significantes desses

signos linguísticos, todavia, segue o princípio de linearidade, na concepção Saussuriana (cf. SAUSSURE, 1995), nessa particularidade reside toda vitalidade do processo acrossêmico na língua e sua produtividade lexical.

Alves (2007, p. 56) afirma que esse tipo de formação lexical “é resultado da lei de economia discursiva. O sintagma é reduzido de modo a torna-se mais simples e mais eficaz no processo de comunicação”, porém, somente exerce tal papel se essas formações forem identificadas pelo receptor. Essa identificação dependerá da competência linguística e, mais ainda, do conhecimento de mundo do mesmo.

As formações acrossêmicas se dividem em: siglas, acrônimos e siglônimos. Segundo Alves (1998, p. 13) a distinção entre as duas primeiras consiste em que:

As siglas são unidade léxicas formadas a partir da redução de um sintagma sob a forma de suas letras iniciais; enquanto os acrônimos são obtidos a partir da redução de um sintagma sob a forma de sílabas, geralmente as iniciais, e pronunciadas como palavras autônomas.

Para uma melhor compreensão e adequação do fenômeno de Acrossemia na língua portuguesa atual, acrescentamos à divisão bipartida de referida Autora, uma terceira forma designada de siglônimos como foi apresentada anteriormente.

As formas acrossêmicas representadas pelos siglônimos apresentam uma sistematicidade fonomorfológica e lexical como foi vista nas exemplificações: *cedê* e *gebê*, característica essa, não encontrada nas siglas que consistem em unidades acrográficas, e de regras distintas nos acrônimos.

No âmbito da terminologia tradicional, registra-se teóricos que afirmam que as formações acrossêmicas são, na verdade, um tipo especial de composição; outros estudiosos, ao contrário, dizem que essas unidades lexicais podem ser compreendidas como um caso especial de derivação, também se registra ideias que definem que são abreviaturas; e ainda, quem não façam distinção de natureza alguma entre as siglas, os siglônimos e os acrônimos.

Podemos, ainda, encontrar grupos que consideram essas formas acrossêmicas como verdadeiros vocábulos incorporados ao léxico popular; já outros, não consideram a possibilidade de classificá-las como palavras na língua.

Essas controvérsias teóricas e as imprecisões conceituais relacionadas às formações acrossêmicas podem ser resultado de falta de estudos empíricos com rigor científico sobre a Acrossemia a partir de critérios linguísticos precisos.

Essa imprecisão conceitual implica em sérios problemas de compreensão fonomorfológica do referido fenômeno, interferindo, inclusive, no processo de ensino-aprendizagem, sobretudo nas aulas de morfologia sobre formação lexical do português, visto que as gramáticas, manuais e compêndios de língua portuguesa desconhecem e/ou não dão o devido valor à temática da lexicalização de siglas, siglônimos e acrônimos. Dessa forma, excluindo dos estudantes do ensino básico, um conhecimento mais empírico e atual do léxico e de sua lexicografia, visto ser esse estudo de cunho lexicológico e/ou lexicográfico².

2. “Tradicionalmente, há uma oposição entre a Lexicologia e a Lexicografia. A primeira, é uma disciplina teórica que tem como objetivo de estudo geral o léxico; já a segunda é uma disciplina de caráter prático voltada à elaboração de dicionários” (cf. MEL'CUK, et al., 1995).

Atestamos essa exclusão ou esse desconhecimento ao pouco interesse que se tem atribuído à análise e à descrição da Acrossemia, comparando alguns manuais, compêndios e gramáticas de língua portuguesa usados no ensino básico. Como também, não se encontra muito trabalhos como artigos científicos, monografias, dissertação de mestrado ou teses de doutorado com temas relacionados ao fenômeno aqui observado.

Na verdade, atribui-se simplesmente a questões de ortografia que a nosso ver é uma incongruência de análise das modalidades de língua falada e escrita.

Neste texto, intencionamos a reflexão e a divulgação de uma proposta de conceituação e classificação, de acordo com critérios fonomorfológicos mais precisos, do citado processo lexical. No intuito de esclarecer e auxiliar aos profissionais da língua que se interessam em estudar a formação lexical do vernáculo empiricamente. Na perspectiva de contribuir para o ensino na educação básica de língua portuguesa como língua materna a partir de fenômenos linguísticos registrados no uso da língua no cotidiano.

No que diz respeito ao reconhecimento e aceitabilidade dos falantes em relação ao uso das formações acronímicas com *status* de verdadeiros vocábulos, observa-se uma gradação maior ou menor de estranhamento por parte dos usuários no momento de uso das formas acrossêmicas.

Percebemos que os siglônimos e os acrônimos podem ser reconhecidos como palavras vernáculas, tanto no sentido de vocábulos fonológicos como vocábulos morfológicos, mais facilmente, pois apresentam formas estruturais silábicas de acordo com o padrão do português, ou seja, são unidades articuladas e pronunciáveis por quaisquer usuários da língua.

Já no caso das siglas, pelo fato dessas formas acrográficas representarem unidades de uso exclusivo da escrita e não da fala, ou seja, por constituírem formas assilábicas e não apresentarem estruturas mórficas, mas apenas letras iniciais dos nomes que designam, causando um maior estranhamento no reconhecimento dessas unidades como palavras da língua. No entanto, essas formas também já estão incorporadas ao léxico popular, inclusive, formando novas palavras. Por exemplo: *PDVista*, *Ptista*, *PHDeues* etc.

Essa exclusividade de uso das siglas em relação à modalidade escrita da língua, geralmente não é percebida pelo falante. Na verdade, na escrita se trata apenas de uma questão de âmbito ortográfico e não fonomorfológico.

Como foi dito, anteriormente, as siglas não seguem as estruturas fonológicas nem as morfológicas da língua portuguesa, mas apenas uma escrita ortográfica que, muitas vezes, não representa fielmente a oralidade. Assim, causando estranhamento ao usuário do sistema, com formas impronunciáveis e, por conseguinte, não são reconhecidas como verdadeiras palavras.

No entanto, quando as siglas são usadas na fala, elas se atualizam e se concretizam como siglônimos, podendo causar um menor estranhamento e serem reconhecidas como palavras, como vocábulos fonológicos, como vocábulos morfológicos e unidades léxicas, não causando total estranhamento nos falantes em função de seguirem e/ou adaptarem-se aos padrões fonomorfológicos na modalidade falada.

A título de exemplificarmos melhor a questão da propriedade acrográfica das siglas,

já que toda sigla na fala se transforma em siglônimo como foi dito anteriormente, fato que é desconsiderado no ensino de formação de palavra e na literatura utilizada pelas escolas de ensino básico, ocasionando um desconhecimento para os alunos sobre a língua e seu léxico, apresentar-se-á considerações referentes à letra *h*.

O grafema *h* pode ajudar a entender melhor a questão da sigla, essa compreendida como uma unidade léxica exclusiva de uso da modalidade de língua escrita, isto é, uma unidade acrográfica.

Na terminologia tradicional, é comum encontrar em gramáticas e manuais de português o referido grafema classificado como uma letra muda, ou seja, a letra *h* não representa fonema ou fones em língua portuguesa, ela não tem valor fonológico e, apenas, é usada como fator etimológico-ortográfico. Por exemplo, as palavras *hoje* e *homem* são grafadas com a letra *h* inicial por serem derivadas do latim *hodie* e *homo*, respectivamente. Nesse contexto, realmente o *h* não apresentam valor fonológico, sendo justificado seu uso por razão etimológica.

Entretanto, analisando diacronicamente, em latim todas as letras eram pronunciadas, inclusive o *h* que correspondia uma aspiração, por não haver consoantes nem vogais mudas, até nos grupos consonânticos soavam todas as consoantes componentes do grupo. Portanto, não é de se estranhar a ideia de considerar a letra *h* como um grafema de valor fonético em português e que em dado contexto perde essa característica.

Por conseguinte, a classificação do *h* como letra muda não se sustenta para todos os casos em língua portuguesa e esse detalhe importantíssimo não é mencionado na literatura tradicional, nem tampouco trabalhado nas escolas de educação básica.

Nas formações acrossêmicas, mais precisamente nos siglônimos, a situação torna-se completamente diferente, esse grafema sempre representará valor fonético. Essa falta de informação para os alunos quando estudam a formação lexical do português tem sérias implicações, uma vez que eles ficam com uma compreensão errônea do sistema linguística que utilizam. Pois fatos da língua em uso diário não são levados em considerados nas aulas de português.

Observando as siglas *HU* (Hospital Universitário), *HE* (Hospital de Emergência) e *CCHLA* (Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes), dentre muitas outras, na modalidade oral sempre serão classificadas como siglônimos, uma vez que a realização concreta duma sigla na fala sempre resultará num siglônimo, nesse caso sua atualização fonologia será [aga'ú], [aga'e] e [seseagaeli'a]. Respectivamente, isto é, sempre o grafema *h* representará um fonema designando o nome da letra. Portanto, o *h* não é uma letra muda, mas em determinado uso da língua pode não apresentar valor fonético.

Outro ponto importante na análise das formações acrossêmicas, é fato de que podem ser classificadas morfologicamente em classes gramaticais definidas, apresentando acidentes gramaticais de gênero e número como os nomes, foneticamente apresentarão acento prosódico e podem se aglutinarem com morfemas gramaticais se flexionando, como também, representarem morfemas lexicais (valor de semantema) derivando novas palavras, por exemplo, *Pró-uneal*, *Pgpianos*, *Ptistas*, *PHDeus*, entre outros.

Considerações Finais

Iniciamos essas considerações destacando que, no léxico da língua, os vocábulos e/ou os sintagmas nominais que apresentam uma estrutura formal longa tendem, por parte dos usuários da língua, a sofrerem redução pelo princípio da economia discursiva – a lei do menor esforço –, e ainda, em função do ritmo intenso da vida moderna, principalmente nos meios de comunicação de massa escritos como: a internet, os periódicos, as revistas e os livros há uma intensa necessidade de uso das formações acrossêmicas com uma maior fecundidade lexical na Língua Portuguesa Contemporânea no Brasil.

As inovações linguísticas e conseqüentemente a dinâmica léxica são decorrentes não de um único fator linguístico determinante, mas da convergência de vários fatores linguísticos e extralinguísticos condicionantes. Essa dinâmica da vida moderna é facilmente identificada na formação lexical no que diz respeito às siglas, os siglônimos e os acrônimos.

Daí depreendemos que o mundo exterior encontra-se presente na língua, também, através das formações acrossêmicas, essas compreendidas como verdadeiras palavras. Sendo assim, as mudanças de ordem sócio-econômico-cultural podem condicionar e/ou influenciar o surgimento das siglas, dos siglônimos e dos acrônimos, e esses seguem regras acrossêmicas próprias à sua formação uma vez que ao léxico corresponde o nível linguístico mais diretamente ligado à realidade extralinguística.

Ressaltamos ainda que estudos sobre o léxico, como também, a sua neologia, isto é, “a possibilidade de criação lexical de novas unidades lexicais, em razão das regras de produção incluídas no sistema lexical” (GUILBERT, 1975, p. 31). Podem ser úteis no processo de ensino-aprendizagem da língua portuguesa numa perspectiva mais empírica de inclusão do falante em sua realidade linguística.

Porquanto, esta iniciativa trata de um tema fundamental para descrição do léxico escrito e/ou falado do Português, segundo uma ótica científica que, sem dúvida, contribuirá para um melhor entendimento desse sistema linguístico, visto que sua ampliação e/ou evolução lexical, embora constante, passa despercebida ao próprio usuário da língua geral.

Para Carvalho (1983, p. 20), “poucos se dão conta da evolução da língua, porque é feita de modo inconsciente e coletivo”, pois a maioria normalmente não reflete sobre seu próprio código linguístico. E ainda, “a mudança linguística em todas as áreas - inclusive no léxico – é algo que pertence à própria essência da língua” (CARVALHO, 2009, p. 20).

Pelo que foi exposto neste artigo, ratificamos que se faz necessários estudos exaustivos sobre as formações acrossêmicas, nos quais se possa descrever a arquitetura de sua estrutura e funcionamento, evidenciando-se que não são formas linguísticas anárquicas e/ou aleatórias, mas altamente organizadas e por esse motivo suscetível de serem estudadas com rigor científico.

Portanto, justifica-se pesquisas sobre as siglas, os siglônimos e os acrônimos na língua portuguesa em sua modalidade escrita e/ou falada usada, indubitavelmente, contribuirá para um melhor entendimento dessa variante românica. É esse vernáculo brasileiro

que deve ser objeto de estudo em nossas aulas de português principalmente na educação básica em todo país por representar nossa realidade de língua.

Em suma, enfatizamos que a partir do estudo da palavra, nesse trabalho entendemos as siglas, os siglônimos e os acrônimos como verdadeiros vocábulos vernaculares e compreendidos como unidades cristalizadas na língua, isto é, sendo reconhecidos pelos falantes como palavras do português, podemos analisar a evolução de uma sociedade, pois o léxico de uma dada comunidade linguística consiste na somatória de experiências desta sociedade e de sua transformação e/ou evolução. Portanto, a língua é neológica por natureza, já que toda sociedade evolui, conseqüentemente também evolui o seu sistema linguístico, sendo incontestável que a língua se vale fundamentalmente de mecanismos lexicais, em *lato sensu*, para cumprir os propósitos comunicativos de seus usuários.

Referências

- ALVES, Ieda Maria. **Neologismo: criação lexical**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- _____. **Glossário de termos neológicos da economia**. São Paulo: HUMANNITIS/USP, 1998.
- CARVALHO, Nelly. **Linguagem jornalística; aspectos inovadores**. Recife: Secretaria de Educação de Pernambuco - Associação de Imprensa de Pernambuco, 1983.
- _____. **Empréstimos linguísticos na língua portuguesa**. São Paulo: Cortez, 2009.
- GUILBERT, Louis. **La créativité lexicale**. Paris: Larousse, 1975.
- ISQUERDO, Aparecida Negri. & KRIEGER, Maria da Graça (org.) **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Vol. II Campo Grande: UFMS, 2004.
- JOTA, Zélio dos Santos. **Dicionários de linguística**. 2. ed. Rio de Janeiro : Presença: INL, 1981.
- MATORÉ, G. **La méthode en lexicologie**. 2. ed. Paris: Didier, 1972.
- MEL'CUK, I. et al. **Introduction à la lexicologie explicative et combinatoire**. Louvain – la – neuve: Ducuhet, 1995.
- MELO, P. A. G. de. A formação neológica em textos jornalísticos escritos em língua portuguesa contemporânea no Estado de Alagoas na última década do século XX. In: **Littera online**. Vol. 1, n. 2, 101-122, 2010.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.
- SAVIANI, Dermeval. **História das idéias pedagógicas no Brasil**. São Paulo: Autores Associados, 2007.
- SILVA, José Pereira da. **Gramática histórica da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 2010.

